

**ESTUDO DE ADAPTAÇÃO DA BATERIA DE HABILIDADES COGNITIVAS
WOODCOCK-JOHNSON III - VERSÃO AMPLIADA**

Adaptation study of the Woodcock-Johnson III cognitive abilities battery –
extended version

CHIODI, Marcelo Gulini⁶

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

WECHSLER, Solange Múglia¹

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

SANTOS, Anderson

Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura

SANTOS, Hugo Leonardo Marangoni de Oliveira

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: A adaptação e construção de instrumentos psicológicos compreendem importantes procedimentos e etapas que vão desde a tradução ou elaboração do construto, embasado teoricamente, até os estudos de validação e normatização. Um dos construtos mais investigados no campo da Avaliação Psicológica centra-se no desenvolvimento de instrumentos para avaliação das habilidades cognitivas. Conhecer as diferentes habilidades sempre despertou o interesse de pesquisadores e estudiosos da área devido à necessidade do ser humano de esclarecer e identificar as diferenças individuais no uso das informações. Neste sentido, este estudo teve por objetivo descrever os procedimentos e etapas de tradução e adaptação dos subtestes verbais e não verbais, da Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock- Johnson – III versão Ampliada (WJ-III Ampliada). Estudos de adaptação e validação da bateria WJ-III Ampliada vão proporcionar um enriquecimento ainda maior nas possibilidades de instrumentos para avaliação intelectual e auxiliar profissionais para um diagnóstico clínico mais detalhado e preciso.

Palavras-chave: Avaliação cognitiva, Inteligência, Woodcock-Johnson, Validade, Adaptação de testes.

⁶ *Agradecimentos ao CNPq pelo apoio financeiro.*

ABSTRACT: The adaptation and construction of psychological tools include important procedures and steps ranging from theory-based translation or elaboration of the construct to validation and standardization studies. One of the most investigated constructs in the field of Psychological Assessment focuses on developing tools for evaluating cognitive skills. Exploring those different skills has always aroused the interest of researchers and scholars of that field due to man's need to identify and categorize the individual differences in processing information. Thus, this study aimed to describe the procedures and stages of translation and adaptation of the verbal and nonverbal subtests that make up the Woodcock-Johnson III Cognitive Abilities Battery - Extended Version (WJ-III Extended). Adaptation studies of the WJ-III Extended Battery and future validation studies will further widen the range of intellectual ability assessment tools and help professional to elaborate a more detailed and precise clinical diagnosis.

Keywords: Cognitive assessment, Intelligence, Woodcock-Johnson, Validity, Adaptation of tests.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as pesquisas com objetivo de adaptar ou construir instrumentos psicológicos são relativamente recentes, visto que por muitos anos, psicólogos brasileiros fizeram uso de instrumentos estrangeiros que não possuíam estudos científicos sobre adaptação, validade ou precisão com amostras brasileiras (PASQUALI, 2010; CHIODI e WECHSLER, 2008; URBINA, 2007; ANASTASI e URBINA, 2000). Neste sentido, o emprego de instrumentos psicológicos desenvolvidos em culturas diferentes e apenas traduzidos para a população brasileira, teve conseqüência bastante depreciativa entre os psicólogos nas décadas de 60 e 70, ocasionando uma idéia desvalorizada e negativa sobre o manuseio de qualquer teste psicológico elaborado a partir das medidas quantitativas. Assim, passaram a considerar

como único fator decisivo na avaliação psicológica a qualidade da avaliação clínica (WECHSLER e GUZZO, 1999).

No cenário internacional e mais recentemente no Brasil, é possível encontrar estudos que tem por finalidade discutir sobre a construção e processos do desenvolvimento de instrumentos psicológicos. OAKLAND (1999), ADÁNEZ (1999) e PASQUALI (1999) apresentam os passos para a construção de instrumentos psicológicos de forma detalhada e informam os leitores sobre vários problemas e elementos essenciais deste processo, visto que muitos passam despercebidos aos usuários, tais como a análise dos itens, o cuidado que se deve ter ao elaborar o manual do teste e a definição de construto a ser medido.

O termo “adaptação de teste”, segundo HAMBLETON (2005), é o mais apropriado, no entanto, muitos pesquisadores e estudiosos da área utilizam freqüentemente o termo “tradução de teste”. Para o autor o termo “adaptação” é mais amplo e reflete com maior intensidade a pratica de adaptar um teste para uma cultura e língua diferente.

HAMBLETON (2005) também salienta que adaptação de testes compreende importantes procedimentos e etapas como: 1- analisar se o teste adaptado para uma cultura e língua diferente, continua aferindo o mesmo construto ou não; 2- a seleção ou escolha de tradutores; 3- adaptação apropriada das palavras e termos traduzidos do idioma de origem; 4- constatar a sua correspondência na forma adaptada, dentre outras medidas de grande importância. Desta forma, a tradução de um teste envolve um longo processo de adaptação, pois os tradutores precisam conhecer e compreender detalhadamente conceitos e teorias sobre avaliação psicológica, o construto do teste e necessitam encontrar palavras e expressões adequadas culturalmente, psicologicamente e linguisticamente equivalentes. Assim, este procedimento vai muito além da simples realização de uma tradução literal do conteúdo do instrumento.

Segundo VALLERAND (1989), o passo inicial para começar a elaboração da primeira versão do instrumento em processo de adaptação é a

tradução do idioma original. Nessa etapa, o autor sugere a possibilidade de realizar a técnica de tradução tradicional e a técnica de tradução reversa.

O processo da tradução tradicional é o método mais utilizado, ou seja, de apenas um passo. É realizado por apenas uma pessoa fluente nos dois idiomas. Compreende de um procedimento simples, de fácil condução e de baixo custo. Muitas vezes a tradução é realizada pelo próprio pesquisador e/ou clínico. Assim, não é difícil entender que podem advir, ao menos com maior facilidade, vieses lingüísticos, psicológicos, culturais e de compreensão teórica e prática destes profissionais. Tais fatores podem causar pequenas (ou grandes) divergências entre as duas versões, original e traduzida. Não se garante que esse método deve ser literalmente evitado, pois existem alguns inventários, questionários e ou escalas que são muito simples (por exemplo, aqueles unidimensionais de no máximo cinco questões). Porém, essa técnica pode ser uma opção apropriada e aceitável, dependendo da compreensão teórica do construto e mesmo do bilingüismo do profissional. Neste sentido, se a finalidade for traduzir um instrumento de maior enredamento, com diversas questões (por exemplo, aqueles de características multidimensionais), esse procedimento não é a mais aconselhado, mesmo que se empregue um tradutor especializado para realizar o processo de tradução (CASSEPP-BORGES, BALBINOTTI e TEODORO, 2010).

Segundo WEEKS e BELFRAGE (2007) outras questões de grande seriedade envolvidas no processo de tradução de um instrumento compreendem as diferenças de enfoques culturais que não são necessariamente problemas de tradução. A presença de itens, por exemplo, que apreciem um sistema educacional peculiar de um país pode dificultar o processo de tradução para o idioma que se deseja. Diferenças de amplitude, como o fato de que esportes universitários e habilidades musicais compreendem maior importância na cultura norte-americana do que na brasileira, possivelmente irão ocorrer problemas nas respostas. O pesquisador deve ser cauteloso e atentar-se ao fato ainda na fase de tradução e adaptação do instrumento (BALBINOTTI e ORTIZ, 2007). A incongruência lingüística ou o

emprego de diferentes sinônimos para traduzir uma mesma palavra deve ser evitada.

PASQUALI (2010) aponta que outra dificuldade, gerada principalmente pela pretensão de encontrar uma palavra perfeitamente compatível com a versão original, está no uso de um nível muito avançado de linguagem, que pode tornar os instrumentos incompreensíveis para determinadas populações (por exemplo, crianças). Este mesmo autor ressalta que o item deve ser compreendido também pelo extrato mais baixo da população alvo (aquele, muitas vezes, com menores habilidades). Se esta parcela compreender o item, parte-se do pressuposto que o extrato mais elevado da população também irá entender. Ao mesmo tempo, o item não pode ser simples demais, pois dessa maneira os participantes com maiores capacidades da população alvo irão ridicularizar o instrumento. O pesquisador deve ter consciência de que itens incompreensíveis são variáveis intervenientes à pesquisa. Portanto, WITTER (1992) adverte que os tradutores mais preconizados são aqueles que, além da habilidade e competência nos dois idiomas em questão, possuem conhecimentos como profissionais da área do instrumento.

MUNIZ, HAMBLETON e XING (2001) ressaltam para um crescimento significativo do número de testes traduzidos e adaptados para outras culturas nas últimas décadas, e vale advertir que a adaptação de testes abrange um grande desafio. Para tais procedimentos, desafios e dificuldades devem ser enfrentados na intenção de garantir que os instrumentos psicológicos acatem aos padrões científicos, imprescindíveis para diferentes ambientes culturais.

Todos os testes ou instrumentos derivados de diferentes culturas e repertórios lingüísticos estão sujeitos a falhas na adaptação, sendo estas verbais ou não. Os testes que envolvem itens verbais apresentam maiores dificuldades, pois alguns itens podem conter vieses para um determinado contexto cultural e educacional, não podendo ser avaliados como representantes aos construtos dos testes originais (VJIVER e LEUNG, 2000). No entanto, aspectos sócio-culturais e provindos do contexto educacional possuem um grande impacto no nível de desempenho dos avaliados em

instrumentos que empregam itens verbais, ressaltando as diferenças na escolarização e nos currículos acadêmicos (HAMBLETON, 2005).

Portanto, tais considerações demonstram os desafios nas adaptações de testes. No Brasil, por exemplo, predominava o hábito de somente traduzir os testes provindos de outras culturas, o que teve como consequência uma ampla carência de instrumentos psicológicos validados e padronizados para a população brasileira. Porém, em 2003, houve uma decisão do Conselho Federal de Psicologia, proibindo o uso de instrumentos psicológicos que não possuíssem pesquisas apresentando sua validade, precisão e normalização para este país. Assim, em 2001, o CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA publicou uma resolução (RESOLUÇÃO CFP nº 25/2001) que regulamenta a construção, comercialização e o uso dos instrumentos psicológicos, atribuindo aos testes psicológicos procedimento de avaliação de uso exclusivo do psicólogo. Neste sentido, um novo contexto no campo da avaliação Psicológica começou a se expandir, suscitando uma série de medidas apresentadas pelo CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA que resultou na avaliação de todos os instrumentos psicológicos existentes e em uso no Brasil. Tal procedimento teve como resultado a elaboração de uma listagem com o nome dos testes que consentem aos pré-requisitos estabelecidos pelo CFP.

Segundo MERENDA (2005), a área da avaliação psicológica tem sido repleto de muitas práticas inadequadas e com sérias implicações. Psicólogos e profissionais de diferentes áreas, em geral, têm falhado em compreender e reconhecer a seriedade dos problemas suscitados pelo manuseio inadequado dos instrumentos. Uma das práticas mais arriscadas e inconvenientes no campo avaliação psicológica, no decorrer do último século e que persiste até os dias atuais, é o transporte impróprio de instrumentos de medição de uma cultura para outra. Muitas vezes, a aplicação de um teste numa cultura diferente, se finaliza apenas com a tradução literal do mesmo, desconhecendo os fatores de interferência cultural e lingüístico.

HAMBLETON (2005) e MERENDA (1993) afirmam que, ainda que a tradução de um teste possa ser desenvolvida através de diferentes técnicas e processos, muitos profissionais realizam uma prática equivocada, a de fazerem

uso das tabelas normativas originais do teste como suporte de correção e interpretação. Neste sentido, adaptar o conteúdo de um teste para uma cultura diferente, refazer os estudos de validade, atestar o construto medido e preparar as tabelas normativas relativas aquela cultura, são os princípios fundamentais exigidos na adaptação de um teste segundo as diretrizes do *American Educational Research Association* (AERA), *American Psychological Association* (APA), e *National Council on Measurement in Education* (NCME) (1999). Tais diretrizes também fornecem indicações de cuidado para psicólogos e especialistas da avaliação psicológica ao selecionar, desenvolver, administrar e utilizar testes psicológicos e educacionais.

Dentre os critérios na construção, validação e utilização de testes, três são especialmente relevantes; 1- Quando um usuário de teste faz uma modificação substancial no formato do teste, modo de administração, instruções, linguagem ou conteúdo, o usuário deve revalidar o uso do teste para as condições alteradas ou por uma lógica de apoio a alegação de que uma validação adicional não é necessária ou possível; 2- Quando um teste é traduzido de uma língua ou dialeto para outra, sua confiabilidade e validade para as utilizações pretendidas nos grupos lingüísticos a serem testadas devem ser estabelecidos; 3- Quando se pretende que as duas versões de testes, nas duas línguas, sejam comparadas, as provas de comparabilidade dos testes devem ser relatadas.

HAMBLETON (2005) assegura que elaborar equivalência envolve, tanto a equivalência conceitual, bem como a equivalência na forma como o construto medido pelo teste é trabalhado em cada idioma ou em diferentes contextos culturais. Definir o construto equivalente existente entre as diferentes culturas em estudo, é considerado um pré-requisito para realizar qualquer comparação de possíveis influências lingüísticas ou culturais.

A avaliação e interpretação dos resultados transculturais não pode se limitar a contexto restrito, de apenas tradução ou adaptação do teste. Tal procedimento deve ser analisado para todas as partes do processo de avaliação, incluindo o construto equivalente, a administração do teste, o formato dos itens, e a influência da velocidade no desempenho do avaliado (VIJVER e

LEUNG, 2000). A construção de um teste válido demanda múltiplos procedimentos, que devem ser aplicados seqüencialmente em diversos estágios do desenvolvimento do teste (ANASTASI e URBINA, 2000).

Portanto, o campo da avaliação psicológica tem representado uma das áreas de maior reconhecimento na psicologia. A elaboração de novos estudos que visem à construção e/ou adaptação de testes validados, padronizados e concisos ao que se pretende avaliar são de extrema relevância para um crescimento ainda maior. Um exemplo característico seria com relação à Escala de Inteligência Wechsler para crianças - WISC-III (WECHSLER, 1949/2002), desenvolvida pelo norte-americano David Wechsler em 1949. Este instrumento, que tem por finalidade avaliar habilidades intelectuais, foi adaptado e validado para uso no Brasil por NASCIMENTO e FIGUEIREDO (2003) e, atualmente, é considerado uma das mais importantes baterias de avaliação cognitiva utilizado por psicólogos brasileiros. Contudo, em um estudo realizado por SCHELINI e WECHSLER (2002) foi possível identificar inadequação na adaptação do conteúdo de vários itens dos testes verbais do WISC-III para a nossa realidade depois de terem submetido os mesmos à avaliação de professores do Ensino Médio e Fundamental.

Autores como CATTELL (1971), HORN (1985) e CARROLL (1993), afirmaram que a utilização de itens verbais em instrumentos de avaliação psicológica é uma importante medida do desenvolvimento da linguagem e da utilização do léxico, caracterizando como partes essenciais do funcionamento cognitivo. Desta forma, itens de natureza verbal devem ser adicionados na avaliação cognitiva, pois refletem o conhecimento e o emprego da linguagem, e, especialmente, porque estão diretamente relacionados às dificuldades de aprendizagem durante a infância e adolescência (HAMBLETON e JONG, 2003; OAKLAND e LANE, 2003).

No Brasil, atualmente, de acordo com CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP/SATEPSI, 2010) existem, aproximadamente, 31 instrumentos de avaliação das habilidades cognitivas aprovados e publicados por diferentes editoras para uso exclusivo dos psicólogos. Dentre estes testes podemos destacar a Escala de Maturidade Mental Colúmbia; Escala de

Inteligência Wechsler para crianças - WISC-III; Escala de Inteligência Wechsler para adultos WAIS; R-1 e R-2 - Testes não verbais de Inteligência para crianças e adultos; BPR-5 (Bateria de Provas de Raciocínio Forma A-B); DFH- Desenho da Figura Humana; Matrizes Progressivas e Coloridas de Raven; G-36 e G38 Testes não verbais de inteligência; HTM – Teste de Habilidade Mental; TIG-NV – Teste de Inteligência Geral Não Verbal; TNV-Teste de Memória Visual; TMVR – Teste de Memória Visual de Rostos “Adaptação Brasileira”; Teste de Raciocínio Analógico Dedutivo; Teste Não Verbal de inteligência Geral BETA-III (Subtestes de Raciocínio Matricial e Códigos); TNVRI – Teste Não Verbal de Raciocínio para Crianças; TONI-III – Teste de Inteligência Não Verbal: Uma medida de habilidade cognitiva independente da linguagem; V-47 Teste Verbal de Inteligência e outros.

No entanto, em perspectivas internacionais, dentre os instrumentos mais empregados na avaliação intelectual infantil, segundo FLANAGAN e HARRISON (2005), destacam-se os seguintes testes: WISC-IV (Wechsler, 1949/2003) e a Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock-Johnson-III - WJ – III (WOODCOCK, MCGREW e MATHER, 2001).

Segundo WECHSLER, VENDRAMINI e SCHELINI (2007) a adaptação e validação completa da Bateria WJ-III para a população brasileira poderia auxiliar na compreensão do funcionamento das habilidades intelectuais de jovens e crianças. Estudos de padronização e normatização poderão contribuir significativamente na melhoria da atuação dos psicólogos que trabalham no campo da avaliação psicológica, favorecendo a elaboração de diagnósticos amparados em instrumentos cientificamente comprovados.

A BATERIA DE HABILIDADES COGNITIVAS WOODCOCK-JOHNSON-III

A Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock-Johnson-III – WJ-III (WOODCOCK, MCGREW e MATHER, 2001) foi padronizada nos Estados Unidos e considerada o instrumento mais apropriado e completo para elucidar e mensurar o funcionamento intelectual cognitivo, assim como seu

desenvolvimento (MUÑOZ e WOODCOCK, 2005). Sua construção teve como fundamentação teórica o modelo CHC de Cattell-Horn-Carroll, considerado pelos como sendo o mais adequado modelo para compreender o funcionamento intelectual. Sua versão original é em inglês e já foi traduzida para o espanhol. A versão original da WJ-III é composta por 20 subtestes, sendo de 1 à 10 da versão padrão e 11 à 20 da ampliada.

Atualmente, a WJ-III versão padrão, passou por estudos de validação para a população brasileira pelo Laboratório de Avaliação e Medidas em Psicologia – LAMP da PUC-Campinas. Portanto, na perspectiva de favorecer o crescimento na área da Avaliação das Habilidades Cognitivas no Brasil, o presente estudo de tem por objetivo descrever os procedimentos de adaptação dos subtestes 11 à 20, verbais e não verbais, da Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock- Johnson – III versão Ampliada.

A Bateria WJ-III versão Ampliada (WJ-III-A), composta por 10 subtestes, avalia as Habilidade Intelectuais gerais. De acordo com as categorias cognitivas, a bateria mensura as seguintes habilidades:

- 1-Habilidade Verbal;
- 2-Habilidade para Pensar;
- 3-Eficiência Cognitiva.

Já com relação aos fatores de C-H-C, a WJ-III-A avalia: 1-Conhecimento e Compreensão (Gc); 2-Recuperação a Longo Prazo (Glr); 3-Percepção Viso-Espacial (Gv); 4-Processamento Auditivo (Ga); 5-Raciocínio Fluido (Gf); 6-Velocidade de Processamento (Gs); 7-Memória Curto Prazo (Gsm). E por ultimo, às avaliações clínicas que a WJ-III-A abrange: 1-Atenção; 2-Fluência Cognitiva; 3-Processos de Execução. Na Tabela 1 podemos observar a distribuição dos subtestes da WJ-III versão Padrão e Ampliada segundo o enfoque teórico de C-H-C.

Tabela 1 – Distribuição dos subtestes da WJ-III versão Padrão e Ampliada segundo a teoria de C-H-C.

Fatores C-H-C	WJ-III Testes de Habilidades Cognitivas	
	Bateria WJ-III Padrão	Bateria WJ-III Ampliada
Conhecimento e Compreensão (Gc)	Teste 1: Compreensão Verbal	Teste 11: Informações Gerais
Recuperação a Longo Prazo (Glr)	Teste 2: Aprendizagem Visual-Auditiva Teste 10: Aprendizagem Visual-Auditiva Adiada	Teste 12: Fluência de Recuperação
Percepção Viso-Espacial (Gv)	Teste 3: Relações Espaciais	Teste 13: Memória para Figuras Teste 19: Planejamento
Processamento Auditivo (Ga)	Teste 4: Combinação de sons Teste 8: Palavras Incompletas	Teste 14: Atenção Auditiva
Raciocínio Fluido (Gf)	Teste 5: Formação de Conceitos	Teste 15: Análise e Síntese Teste 19: Planejamento
Velocidade de Processamento (Gs)	Teste 6: Emparelhamento Visual	Teste 16: Rapidez de Decisão Teste 18: Rapidez na Nomeação de Figuras Teste 20: Cancelamento de Pares.
Memória Curto Prazo (Gsm)	Teste 7: Números Invertidos Teste 9: Memória de Trabalho Auditiva	Teste 17: Memória para Palavras

A *Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock- Johnson-III versão Ampliada* é recomendada para casos de re-testagem, ou quando existe a necessidade de uma maior compreensão do sujeito em uma área específica, como por exemplo, as funções executivas cerebrais (WOODCOCK, MCGREW e MATHER, 2001). Este instrumento compreende de dez subtestes que abrangem áreas específicas segundo a teoria de C-H-C. A apresentação dos dez subtestes da versão ampliada e seus respectivos objetivos são:

a) Teste 11- Informações Gerais (Gc): Avalia aspectos do conhecimento e compreensão. Especificamente, o teste avalia a profundidade do conhecimento verbal geral. Este teste é composto por dois subtestes. No primeiro subteste, é perguntado ao avaliado “Onde é possível encontrar... (um objeto)”. No segundo subteste, é perguntado ao avaliado “O que você faria com... (um objeto)”. Os itens iniciais envolvem objetos que aparecem geralmente no ambiente de uma pessoa. Os itens se tornam cada vez mais complexos quando os objetos questionados se tornam cada vez mais incomum.

b) Teste 12- Fluência de Recuperação (Glr): Avalia a fluência na recuperação a longo prazo. Este teste mede a fluência de recuperação a partir do conhecimento armazenado. O avaliado é obrigado a nomear possíveis exemplos de uma determinada categoria dentro de um período de tempo de 1 minuto. A tarefa consiste em três categorias diferentes: coisas de comer ou beber, nomes de pessoas e posteriormente de animais (tipos diferentes). Carroll (1993) chama esta capacidade de fluência ideacional.

c) Teste 13- Memória para Figuras (Gv): Avalia a memória visual de objetos ou imagens, um aspecto do pensamento viso-espacial. A tarefa do avaliado é o reconhecimento de um subconjunto de imagens anteriormente apresentadas dentro de um campo com imagens pertencentes a uma mesma família. Para eliminar a mediação verbal como uma estratégia de memória, as variedades do mesmo tipo de objetos são utilizados como estímulos e distrações para cada item diferente. Exemplo: várias bacias ou janelas. A dificuldade dos itens aumenta conforme o número de fotos no conjunto de estímulos também aumenta.

d) Teste 14- Atenção Auditiva (Ga) – avalia a discriminação de som e a capacidade de superar os efeitos de distorção ou mascaramento auditivo na compreensão da linguagem oral. Esta avaliação envolve a capacidade de processamento auditivo exigindo do avaliado atenção seletiva. O avaliado ouve uma palavra, ao visualizar quatro imagens, e é solicitado a apontar para a imagem que corresponde à palavra falada. A dificuldade de executar a tarefa aumenta de duas formas: as discriminações de som ficam cada vez mais difíceis e a intensidade do ruído de fundo aumenta com o avanço dos itens.

e) Teste 15- Análise e Síntese (Gf) – É um teste de raciocínio fluido. Especificamente, o teste mede o raciocínio geral seqüencial dedutivo e a habilidade de pensar. O teste apresenta uma tarefa de controle de aprendizagem e é projetado para medir a capacidade de raciocinar e tirar conclusões a partir de condições apresentadas. As instruções sobre como realizar um procedimento mais complexo, são apresentadas ao avaliado antes de iniciar a resolução. Com exceção dos outros subtestes, é passado ao avaliado um feedback imediato (sinal com a cabeça de positivo ou negativo)

sobre o acerto ou não de cada resposta antes de um novo item ser apresentado. Embora não seja apresentado diretamente ao avaliado, vale ressaltar que, o teste contém algumas tarefas que envolvem a aprendizagem de pequenos sistemas de matemática e alguns recursos ligados a utilização de fórmulas simbólicas.

f) Teste 16- Velocidade de Decisão (Gs) – Avalia aspectos da velocidade de processamento e a capacidade de tomar, rapidamente, decisões conceitualmente corretas. Velocidade de Decisão é um teste de eficiência cognitiva que mede a velocidade de processamento para conceitos simples. Será apresentado ao avaliado um conjunto de imagens e ele deverá, rapidamente, marcar as duas imagens que são conceitualmente semelhantes. Este teste tem um tempo limite de três minutos.

g) Teste 17- Memória para Palavras (Gsm) – Avalia a memória de curto prazo através da memória auditiva. Neste teste, o avaliado é convidado a repetir na seqüência correta as listas de palavras não relacionadas entre si.

h) Teste 18- Rapidez na Identificação de Figuras (Fluidez Cognitiva) – Velocidade de nomeação é um teste de fluência cognitiva que fornece informações sobre a velocidade de processamento. Este teste mede a capacidade e facilidade de nomeação, especificamente, a velocidade de recuperação direta da informação por meio do conhecimento adquirido. Este teste tem 2 minutos como tempo limite.

i) Teste 19- Planejamento (Processos de Execução) – É um teste de processamento executivo. Especificamente, avalia o controle de processos mentais envolvidos na determinação, seleção e soluções de aplicação para problemas utilizando a premeditação. O teste Planejamento envolve uma tarefa complexa que se baseia no raciocínio fluido e nas habilidades de processamento visual (em particular a digitalização espacial). Neste teste, o sujeito é convidado a seguir um padrão, sem retirar o lápis do papel ou refazer as linhas já traçadas.

j) Teste 20- Cancelamento de Pares (Atenção e Processos de Execução) –

Este teste fornece informações sobre o processamento executivo, atenção\concentração e velocidade de processamento. Sendo um teste de processamento executivo, Cancelamento de Pares fornece informações sobre o controle de interferências. Como medida de atenção\concentração, fornece informações sobre atenção sustentada, pois exige do avaliado a capacidade de permanecer na tarefa de forma vigilante. Como o teste é cronometrado, Cancelamento de Pares também fornece informações sobre a capacidade de executar uma tarefa cognitiva simples sob a pressão do tempo. Em um período de 3 minutos como tempo limite, o avaliado é solicitado a localizar e marcar um padrão repetido o mais rapidamente possível.

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DO INSTRUMENTO

A primeira etapa de adaptação da bateria foi à tradução dos subtestes (11 a 20) da versão ampliada do instrumento de avaliação cognitiva Woodcock-Johnson-III. A tradução foi realizada por dois profissionais, um professor de inglês nativo e um psicólogo com conhecimentos avançados em inglês e psicometria. Com as duas traduções em mãos, foi realizada a comparação e adequação dos termos de acordo com o propósito de cada subteste. Após a tradução foi necessário uma apreciação da bateria por quatro juízes com conhecimentos na área de avaliação cognitiva. Tal procedimento resultou na substituição de alguns termos, e novos procedimentos que facilitariam a aplicação do instrumento. Também foram realizados ajustes nas instruções de aplicação, a fim de diminuir a possibilidade de dúvidas sobre a administração de cada subteste.

Com relação aos subtestes 11 – Conhecimentos Gerais (Gc), 14 – Atenção Auditiva (Ga) e 17- Memória para Palavras (Gsm) foi necessário realizar uma adaptação dos itens, pois muitos vocábulos, com a tradução para o português, não mantinham o mesmo propósito do subteste, alterando o construto. No subteste 11 – Conhecimentos gerais (Gc), os itens foram retirados da versão inglês e espanhol da bateria WJ-III Ampliada. Foram 42

itens da versão americana e 6 do espanhol. Também foram adicionados 3 itens retirados de livros didáticos brasileiros do ensino fundamental e médio. Já o subtteste 14, foi necessário passar por dois profissionais fonoaudiólogos. As palavras que compõem este subtteste são todas dissílabas e com sons semelhantes; Ex: Alça, balsa, calça, valsa. Com a tradução da versão em inglês e espanhol, perdiam-se os sons das palavras, alterando a pronuncia, e muitas vezes uma palavra dissílaba representa para nossa língua uma palavra trissílaba ou polissílaba. Contudo, foi necessário um trabalho intenso junto os profissionais fonoaudiólogos para a elaboração de 56 vocábulos dissílabos, divididos em grupos silábicos de sons semelhantes. Em seguida, elaborado as palavras, foi necessário a criação de 56 figuras que representassem cada vocábulo elaborado. Neste sentido, foi solicitada a ajuda de um técnico em desenho para representar figuralmente cada vocábulo. Posteriormente, foi preciso procurar um estúdio de gravação para preparar o áudio e adicionar os ruídos em segundo plano. Assim, todos os itens e a gravação do áudio, foram elaborados sob a supervisão fonoaudiológica. A adaptação do subtteste 14 foi realizada preservando, ao máximo, a estrutura e a proposta inicial, com rimas entre os vocábulos dissílabos agrupados. Ressalto também que todas as palavras da versão americana eram monossílabas e no processo de adaptação para a realidade brasileira, foi necessário a criação de vocábulos dissílabos.

Já o subtteste 17, Memória para Palavras, também passou por orientações fonoaudiológicas, pois o teste foi construído com palavras monossílabas e dissílabas. Assim, com o processo de tradução esta organização foi alterada. Foi necessário estudar novas palavras dentro da formatação original do teste para compor os itens. Ressalto, neste processo de adaptação, que o idioma Inglês é muito rico em palavras monossílabas, diferente do Português. Neste sentido, os vocábulos na versão brasileira foram transformados em dissílabos.

Com a bateria traduzida e adaptada, foi necessário realizar a aplicação em uma amostra piloto de 5 crianças. Tais participantes foram selecionados aleatoriamente numa escola pública do interior do estado de São Paulo. As

avaliações foram realizadas após a autorização da Diretora do colégio e a assinatura do Termo de Autorização pelos pais ou responsáveis. Tais avaliações tiveram por finalidades avaliar as condições físicas e práticas de aplicação do instrumento, possibilitando possíveis reajustes antes de iniciar os estudos de validação.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os instrumentos psicológicos são utilizados em processos de avaliação psicológica e, no Brasil, são de uso exclusivo dos profissionais da psicologia. O desenvolvimento de estudos e pesquisas que comprovem suas propriedades psicométricas e que evidenciam a confiabilidade de construto são de extrema relevância para verificar a qualidade e a aplicabilidade destes no contexto cultural brasileiro.

A construção de instrumentos de avaliação psicológica não envolve procedimentos rápidos e fáceis, pois são amplos e diversos os cuidados indispensáveis e necessários para uma realização aprimorada, consistente e com critérios amplamente definidos sob o enfoque científico. Uma avaliação, seja esta psicológica ou de outra abordagem, demanda dados precisos, confiáveis e fidedignos, e para isto há a necessidade de utilizar-se materiais que forneçam informações seguras e de base científica. Instrumentos ausentes de estudos de qualidade, adaptação e de precisão estão presentes no mercado profissional brasileiro e têm sido utilizados descuidadamente infringindo as normas vigentes. No entanto, a diminuição no uso de testes e instrumentos psicológicos, pode ser compreendida por diversos fatores, entre eles, o baixo conhecimento e controle dos instrumentos, o que de certa forma, relaciona-se diretamente aos problemas encontrados na adaptação, construção, validação, normatização e precisão dos mesmos (ALMEIDA, 1999; URBINA, 2007; CHIODI e WECHSLER, 2009).

Neste sentido, a realização de estudos que tem por finalidade a adaptação, validação, normatização e precisão da Bateria Woodcock-Johnson-III versão ampliada vão proporcionar um enriquecimento ainda maior

nas possibilidades de instrumentos brasileiros para avaliação intelectual e auxiliar profissionais para um diagnóstico clínico mais detalhado e preciso sobre as dificuldades e distúrbios escolares.

REFERENCIAS

ADÁNEZ, G.P. Procedimientos de construcción y análisis de tests psicométricos. Em S.M. Wechsler & R.S.L. Guzzo. (Orgs.). Avaliação Psicológica: perspectiva internacional (pp.57-100). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ALMEIDA, L.S. Avaliação Psicológica: exigências e desenvolvimento nos seus métodos. Em S.M. Wechsler & R.S.L. Guzzo. (Orgs.). Avaliação Psicológica: perspectiva internacional (pp. 41-55). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION, AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, E NATIONAL COUNCIL ON MEASUREMENT IN EDUCATION. Standards for Educational and Psychological Testing. Washington, DC: American Educational Research Association, 1999.

ANASTASI, A. & URBINA, S. Testagem psicológica. 7a. edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BALBINOTTI, M.A.A. & ORTIZ, A. Tradução e cálculo de Validade de Conteúdo do Inventário de Desenvolvimento de carreira de Atletas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil, 2007.

CARROLL, J.B. Human cognitive abilities: A survey of factor-analytic studies. New York: Cambridge University Press, 1993.

CASSEPP-BORGES, V., BALBINOTTI, M.A.A. & TEODORO, M.L.M. Tradução e Validação: Uma Proposta para a Adaptação de Instrumentos. Em: PASQUALI, L. Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CATTELL, R.B. Abilities: Their structure, growth and action. Boston: Houghton Mifflin, 1971.

CFP / SATEPSI. Lista de testes aprovados. Brasília: CFP / SATEPSI - Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos, 2010.

CHIODI, M.G. & WECHSLER, S.M. Avaliação Psicológica: Contribuições brasileiras. Boletim Academia Paulista de Psicologia, 2(8), p.197-210, 2008.

CHIODI, M.G. & WECHSLER, S.M. Escala de Inteligência WISC-III e Bateria de habilidades Cognitivas Woodcock Johnson-III: comparação de instrumentos. Avaliação Psicológica, 8(3), p.313-324, 2009.

FLANAGAN, D. W. & HARRISON, P.L. (2005). Contemporary intellectual assessment: theories, tests and issues (2a ed). (Orgs.). New York: The Guilford Press, 2005.

HAMBLETON, R. K. Issues, designs and technical guidelines for adapting tests in multiple languages and cultures. In R. C. HAMBLETON, R. K., MERENDA, P. F. & SPIELBERG, C. D (Eds.), Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment (pp. 3-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

HAMBLETON, R. K. & JONG, J. Advances in translating and adapting educational and psychological tests. Language Testing, 20(2), 127-240, 2003.

HORN, J. L. Remodeling old models of intelligence. In B. Woldman (Ed.), Handbook of intelligence (pp. 267-300). New York: Wiley & Sons, 1985.

MERENDA, P. F. Cross-Cultural Adaptation of Educational and Psychological Testing. In R. C. HAMBLETON, R. K., MERENDA, P. F., & SPIELBERG, C. D (Eds.), Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment (pp.321-342). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

MERENDA, P.F. Cross-cultural current and future issues in psychological testing. International Journal of group Tensions, 23, 115-132, 1993.

MUNIZ, J., HAMBLETON, R. K. & XING, D. Small sample studies to detect flaw in item translations. International Journal of Testing, 1, 115-135, 2001.

MUÑOZ-SANDOVAL, A. & WOODCOCK, R. W. Bateria Woodcock-Muñoz III: Pruebas de habilidad cognitiva/ Bateria Woodcock-Muñoz III: Pruebas de aprovechamiento. Em S.M. WECHSLER E R.S.L. GUZZO (Orgs.). Avaliação Psicológica: perspectiva internacional (pp. 327-366). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

NASCIMENTO, E. & FIGUEIREDO, V.L.M. A terceira edição das escalas Wechsler de inteligência. Em R. PRIMI (Org.). Temas em Avaliação Psicológica (pp. 61-79). IDB/IBAP: Campinas, 2003

OAKLAND, T. Developing standardized tests. Em S.M. WECHSLER, & R.S.L. GUZZO. Avaliação Psicológica: perspectiva internacional (pp. 101-118). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

OAKLAND, T. & LANE, H. B. Language, reading and readability formulas: Implications for developing and adapting tests. International Journal of Testing, 4(3), 239-252, 2003.

PASQUALI, L. Histórico dos Instrumentos Psicológicos. Em: L. Pasquali (org.), Instrumentos Psicológicos: manual prático de avaliação. Brasília DF: LabPAM/IBAP, 1999.

PASQUALI, L. Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHELINI, P. W. & WECHSLER, S. WISC III- um estudo de adaptação dos subtestes verbais . Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 12 (2), 103-121, 2002.

URBINA, S. Fundamentos da Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

URBINA, S. (2007). Fundamentos da Testagem Psicológica. Porto Alegre: Artes Médicas.

VALLERAND, R.J. Vers une méthodologie de validation trans-culturelle de questionnaires psychologiques: Implications pour la recherche en langue française. Psychologie Canadienne, 30, p.662-680, 1989.

VIJVER, F.J.R. & LEUNG, K. Methodological issues in psychological research on cultura. Journal of Cross Cultural Psychology, 31, 33-51, 2000.

WECHSLER, D. WISC-III. Escala de inteligência para crianças. (V. L. Figueiredo, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002 (Original publicado em 1949).

WECHSLER, S. M. & GUZZO, R. S.L. Avaliação Psicológica: perspectiva internacional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

WECHSLER, S.M., VENDRAMINI, C. M. V. & SCHELINI, P.W. Adaptação brasileira dos testes verbais da Bateria Woodcock- Johnson III. Revista Interamericana de Psicologia, 41 (3), 285-294, 2007.

WEEKS, A. & BELFRAGE, J. Issues, challenges, and solutions in translating study instruments. Evaluation Review, 31(2), p.153-165, 2007.

WITTER, G.P. Tradução e Psicologia: perspectiva de pesquisa. Estudo de Psicologia, 9(1), 105-113, 1992.

WOODCOCK, R.W., MCGREW, K. S., & MATHER, N. Woodcock-Johnson III: Tests of cognitive abilities. Itasca, IL: Riverside Publishing, 2001.